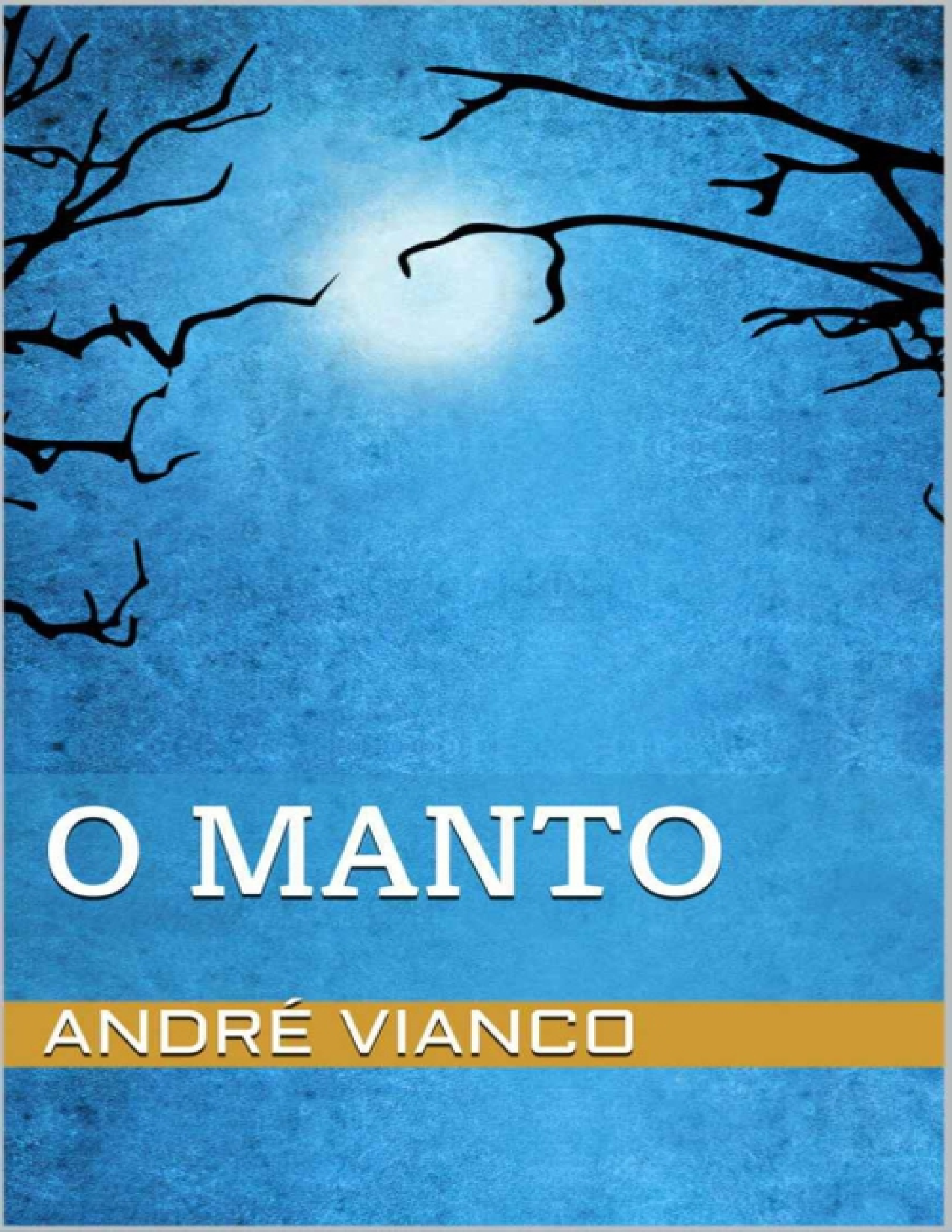


O MANTO

ANDRÉ VIANCO

O manto

Não sei se é o cansaço ou é essa dor de cabeça que me consome. O lance é que não lembro, de jeito nenhum, do chão desta rua alguma vez ter sido assim. Fofo. Estranho. Parece que eu piso e ele afunda um pouco. Nem eu nem ele estamos firmes o suficiente para nos sustentarmos. Já olhei pra trás umas quinhentas vezes, achando que veria um rastro de pegadas, marcas fundas no asfalto que confirmariam meus passos, meus feitos, minhas crenças, medos e alegrias. Olho para trás e não vejo nada. Nada foi marcado. Tenho medo. Respiro fundo e uma nuvem longa de vapor escapa da minha boca. Longa mesmo. Elucubrações, quiromancia, adivinhos e oráculos. É tudo água. As nuvens desprendem-se de mim e sempre parecem formar alguma coisa que deveria ter significado. Vão subindo para o céu, sendo coisas. Sendo coisas perturbadoras. Uma, para minha surpresa, toma forma de um caranguejo pegando uma moeda. Outra, uma forma taurocéfala, acho que é um minotauro vencido, isso, um minotauro caído num labirinto... e se desfaz. Agora uma girafa procurando o poço das lágrimas. O poço das lágrimas tem água que não se deve beber. Uma brincadeira da minha memória. Pedaços de coisas vividas. Suspiro novamente. Nenhuma forma desta feita, só a certeza de que não estava tudo confuso antes de cruzar o túnel por baixo do Rio Pinheiros. Não existiam girafas nem homens com cabeça de boi. Não estava nada estranho. De estranho só tinha eu, ali, andando àquela hora da madrugada. Com frio, com medo e desprotegido de tudo. Agora não sei que horas são. Só sei que andei sobre cacos de vidro. Que depois o chão ficou fofo. Não pensei Faria Lima. Parei no cruzamento. Não dava pra ver o topo dos prédios. Nuvens rápidas cruzando o céu como se fosse um oceano revolto bem em cima da minha cabeça. Valhalla. Um oceano revolto. Marolas de nuvens. Marolas de chuva. Vikings barbudos e com olhos de fogo brandindo espadas e escudos. Tudo valeu. Meu eu pensa para, ali, no chão fofo que parece afundar enquanto eu passo. Tenho sede, mas meus olhos só alcançam o poço das lágrimas. Daquela água não devo beber e não quero. Enternece demais.

Quanto tempo eu andei? Acho que por causa do frio não suei nem cansei. Rumei para aquela praça de que gosto, ali, pertinho do Parque do Ibirapuera, onde um monumento de que gosto, destilando sentidos do lugar onde eu era. Passei outro túnel. Andei mais um pedacinho. E lá estava ele. O Monumento às Bandeiras. Antes de chegar, abaixo pra amarrar meus sapatos. Susto. Estou descalço, em cima do gramado. Aqui o chão é firme, encorpado. Me dá mais segurança. Mas não é menos estranho. Sinto saudades dos sapatos de couro falso, confortáveis e bonitos para os outros verem. Meu estômago revira assustado quando minha cabeça inicia uma suposição. Um tio meu falou um dia acerca das pessoas que perdem os seus sapatos. Há uma bruma, de um palmo, talvez dois, que me cerca. Não é neblina densa. Não é fumaça que rola no rés do chão. É translúcida, ora opaca, indecisa e corrediça. De novo a ideia do oceano. Só que agora no chão da praça. Mas essa bruma estranha não é o que me apoquenta e nem mais os pés descalços ou a história do meu tio falando dos sapatos perdidos. São elas. Estão embaixo da neblina, existindo, atormentadas. Formigas. Formiguinhas pequenininhas, marchando em linha, resmungando sobre pequenas coisas bem do tamanho delas. É elas falam. Elas dizem coisas impossíveis de entender porque eu não falo formiguês. Contudo, para o meu assombro elas viram umas para as outras e conversam e riem e contam coisas umas às outras, tenho certeza. Estão conversando. Algumas atrasadas, preocupadas com o fazer de hoje. Levanto-me horrorizado. E o horror não para. Ele se dilui, na verdade. Dilui-se porque reparo que minha alusão ao oceano não está de todo torta. Torta. Aquela bruma é fria e parece água. O leito plácido de um largo e impossível rio. E olho direito para o Monumento às Bandeiras. O barco que os índios e negros e empurram com tanta gana... o barco vai deslizando e chega dentro d´água. Os cavalos de granito erguem as fuças para o céu e tracionam com toda a força para frente. Seus músculos de pedras parecem capazes de fazer girar o mundo. O barco, no entanto, se

arrasta devagar. A bruma é água clamando para ser singrada. O barco rasga sem dó o leito espectral que se estende ao redor da praça. E vai e vai e começa a navegar. Um gigante de pedra grita:

- Jaraguá!

O gigante aponta para a frente. O barco afunda até o meio do casco, acho que toco o chão da praça. Mas não é problema. Aqueles homens, brutamontes que estão dentro, vão com ele, claro. São bandeirantes. São desbravadores e perigosos. Heróis e assassinos bárbaros. São homens de corpo e peito de pedra. Pacificadores. Querem o ouro e drenar riquezas. O barco se afasta vagaroso. Preguiçoso. É um espetáculo tão inusitado que me esqueço de tudo por um instante. Só me deu conta de que estou de fato ali e que não estou fora de meu corpo, vivenciando viagem astral ou tendo um sonho lúcido, quando o índio colossal caminha na minha direção, agitando a bruma com os pés e fazendo sacolejar o chão de tão pesados que são seus passos. Ele olha pra mim. Para o fundo dos meus olhos. Um frio sobe por minha espinha. Ele se abaixa e toca o joelho gigante ao lado do meu corpo. Passa sua mão de pedra sobre a minha cabeça e aponta para o obelisco dos heróis de 32.

- Vai pra lá.

Agradeço ao gigante fazendo uma mesura. Volto a caminhar. Lembro-me do cansaço, do frio em meus braços. Agora o vento gelado é feito chibata que machuca. Olho para o obelisco, que parece algo de assombrado. A bruma está também ao seu redor, mas o que me chama a atenção agora são os espíritos. São tantos e leves que flutuam em correnteza ao redor do obelisco. Fantasmas. Saem do chão e sobem lentamente. Com medo de chegar depressa. Olho para o Parque do Ibirapuera. Está tão tarde (ou tão cedo). E tão escuro que não vejo nada além das grades. A bruma corrediça sobre pelos meus pés, fazendo ondinhas em torno de mim. Chego ao asfalto. Atravesso a rua e estou de novo no chão gramado, mantendo minha marcha, rumo ao encontro. É a decisão. Sei que é. O frio que atormenta não é natural. Sinto o peso do manto se desvanecendo, se desfazendo, e a ciência descendo para o queixo sem restinho de ingenuidade. Lágrimas marcando meu rosto sem que eu sequer chegasse perto da água do poço. Eu olho para trás e não vejo o que

todo mundo diz. Falam tanto disso. Foi algo tão besta que não precisava ser. Me distraí com ela por dois ou três segundos. Ela sorria através do aparelho que prendeu meus olhos mais do que devia. Ela ainda nem sabia que eu não ia ligar de manhã. Dizer bom dia. Aperto os olhos e tento ver, mas não vem mais nada. Dizem que a gente vê tudo nesse preciso instante. Eu não vejo nada. Só sinto o frio e ouço de novo as vozes das formiguinhas. Olho para o obelisco em homenagem aos herois de 32. Vou chegando. Duas fileiras de soldados espectrais recepcionam os que se aproximam. Eles não olham para a gente. Os que chegam. Acho que os soldados já passaram ali faz tempo e perderam o ar de novidade. Nós, os novos, estamos tristes e lerdos. Noto alguns curvados, confrangidos pelo peso que lhes vem nos ombros. O peso daquilo que não se fez ou não se arriscou. Nós. Estou falando deles com tanta intimidade, mas agora só percebo de fato esses tantos outros andarilhos, espantados como eu, se achegando ao obelisco de pedra. Existe um cheiro de medo impregnado no ar e antes de começar a pensar nisso eu me distraio. Olho para o barco. Jaraguá. Já vai sumindo. Observo o caminho à minha frente. Os espíritos rodopiando e subindo como duas correntes em torno do obelisco. Agora que estou mais próximo, vejo. Como o par que sobe, há também duas correntes descendo das nuvens até o chão. Moto-contínuo. E dessa segunda corrente alguns espíritos escapam e chegam ao chão, ficando eretos e caminham como se fossem gente viva. Eles andam em direção aos que chegam. Vêm com sorrisos nos rostos e graça emanando das figuras. Estão felizes, destemidos. Ao meu lado, uma mocinha que tem um galo enorme na cabeça, um vestidinho rodado, vermelho, engole em seco de olhos pregados na figura que vem ao seu encontro. O espírito chega junto dela e é ela mesma. Em outra época. O espírito a abraça e suavemente a carrega. Meus pelos se arrepiam ao me dar conta do que está prestes a acontecer. Admirado, percebo que estou certo, pois vejo eu mesmo no meio dos fantasmas que chegam. Lá venho eu. Euzinho da silva, em forma de espírito. O eu fantasma toca a bruma. Só agora tomo tento. Os espíritos são de cor cinza e ficam esverdeados quando se misturam com a bruma. É como se a bruma fizesse parte deles naquele instante. Meu espírito vem caminhando em minha direção, cada vez mais esmeraldino. Meu fantasma. Minha cópia em outro tempo. Um backup de mim mesmo que se aproxima e me toca. Ele me abraça. Recobre-me como um manto de paz e

compreensão. Não me diz castigos, não me pergunta os feitos. É tudo existido e consumado. Me eu fantasma só toca meu peito e sente meu coração. Tudo valeu. O medo se dissolve feito fumaça. Eu vou junto. Sou arrastado suavemente em direção ao obelisco e começo a flutuar. Me viro correndo e subo junto. É uma delícia partir. Diferente de tudo que pensei que fosse. Lá de cima, no fim do meu aqui existir, lanço um olhar na direção do barco. O bandeirante vira-se para mim e me olha. Ele vai buscar ouro e leva nosso medo para lá, dentro do embornal de pedra. Vejo a cidade ficando pequena e incompreensível. Nada aqui embaixo é lógico. Jaraguá. Eu vou embora. É chegada a hora. Não, não chora nem me faz chorar. Como diz a música, se lembrar de mim, faça com o mesmo ardor, de uma canção feliz, de uma canção de amor.

Fale com o autor: andrevianco@gmail.com